

Resultados: Durante o período do estudo, o CRIE-IIER atendeu 72 pacientes, sendo a maioria do sexo feminino (78,5%) e com idade entre 40 e 49 anos. Hipertensão arterial, diabetes e hipotireoidismo foram as comorbidades mais comuns. A maioria dos ESAVI ocorreu após a primeira dose da vacina (81,5%), sendo mais comumente relacionados a vacina ChAdOx1 nCoV-19/AZD1222. As manifestações sistêmicas foram mais comuns (89,2%) que as locais, e a maioria dos casos foi classificada como não grave (76,9%). Após o atendimento 53,8% dos pacientes tiveram como recomendação receber outras doses da vacina.

Conclusão: Os resultados indicam que os ESAVI são geralmente não graves, com um risco significativamente menor do que os associados à própria infecção pela covid-19. A imunização em massa é fundamental no combate à pandemia, e oferecer assistência especializada fortalece o acesso ao conhecimento e a importância da vacinação. O acompanhamento contínuo dos pacientes pode fornecer informações valiosas sobre quaisquer reações adversas futuras e descartar reações falsamente atribuídas às vacinas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.103889>

ÁREA: IMUNIZAÇÕES

OR-13 - ANÁLISE DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE QUE ADOECERAM APÓS A VACINAÇÃO PARA COVID-19

Danielle R. Miyazawa Ferreira,
Giovanna Pais G. Esteves,
Melissa Caroline G. Prestes,
Ana Sofia Vilas Boas Simões, Victoria Davanço,
Gabriela Valente R. Watanabe,
Tatiane Selister Barbosa,
Jaqueline Dario Capobiango

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina,
PR, Brasil

Introdução: Profissionais de saúde têm alta exposição ao SARS-CoV-2, portanto, o Ministério da Saúde (MS) preconiza uma dose de reforço anual da vacina para profissionais vacinados com esquema completo para COVID-19. Porém, ainda não está claro o tempo de proteção da vacina para os diversos profissionais.

Objetivo: Avaliar o perfil de adoecimento de profissionais de saúde com o decorrer do tempo após a vacinação para COVID-19.

Método: Coorte retrospectiva que analisou profissionais de saúde com sintomas respiratórios atendidos em um ambulatório de um hospital terciário, entre janeiro de 2020 e dezembro de 2021. A amostra incluiu profissionais com esquema vacinal completo ou incompleto para COVID-19 e que apresentaram testes de detecção viral positivos (PCR ou antígeno) para SARS-CoV-2 na evolução, até 31 de dezembro de 2023. O trabalho foi aprovado pelo comitê de ética (parecer: 4.084.024).

Resultados: De 2.312 profissionais atendidos, 1.013 foram incluídos, sendo 71,2% mulheres. A mediana de idade foi 44 anos (20 - 88). Receberam esquema vacinal completo 92,3%.

Os profissionais com idade maior ou igual a 60 anos tiveram mais esquema incompleto, em comparação com aqueles com idade inferior a 60 anos. Do total, 67,6% negaram ter comorbidades, 9,9% apresentam hipertensão arterial, 7,0% obesidade e 3,9% asma. 453 pacientes positivaram após a segunda dose e 634 após a terceira. A mediana de tempo para adoecer após a terceira dose foi de 207 dias em profissionais com mais de 60 anos e de 161 dias para o grupo com menos de 60 anos. A mediana para a positividade após a segunda dose da vacina foi de 139 dias (primeiro e terceiro quartil em 94 e 196 dias, respectivamente). Após a terceira dose, a mediana para positividade foi 176 dias (primeiro quartil em 95 e terceiro em 281 dias). Portanto, com 3 doses houve aumento de tempo de proteção de 37 dias em relação a 2 doses. Considerando os pacientes que tomaram a terceira dose em um período de até 281 dias, a vacina foi 70% mais protetora em homens com comorbidades, sendo que mulheres com comorbidades tiveram 2,5 vezes mais chance de adoecer em comparação aos homens.

Conclusão: Os profissionais de saúde apresentaram elevada adesão ao esquema vacinal completo. O tempo de positividade após a vacinação corroborou com a recomendação de doses com intervalo de 6 meses. No entanto, é importante continuar monitorando e analisando esses profissionais para melhor compreensão da eficácia das vacinas e implementação de políticas de vacinação direcionadas aos grupos especiais.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.103890>

OR-14 - ATUALIZAÇÃO VACINAL DOS ESTUDANTES INGRESSANTES DA ÁREA DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

Inajara de Cassia Guerreiro,
Rôse Clélia Grion Trevisane,
Edite Kazue Taninaga,
Cristina M. da Silva Aguilar,
Elaine Cristina Paixão de Oliveira,
Luciane da Silva Antunes, Maria Cristina Stolf,
Leila Tassia Pagamicce

Centro de Saúde da Comunidade (CECOM),
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Campinas, SP, Brasil

Introdução: Os trabalhadores da saúde estão constantemente expostos a riscos ocupacionais e biológicos, sendo necessário, além das medidas universais de biossegurança, uma cobertura vacinal adequada. Os estudantes da área de saúde também constituem um grupo de risco já que em suas atividades de formação, mantêm contato com pacientes. Para evitar a ocorrência de doenças imunopreveníveis, as Instituições de Ensino Superior (IES) devem incentivar a completa vacinação dos alunos antes da inserção nos cenários de prática.

Objetivo: Analisar a situação vacinal dos estudantes ingressantes da área da saúde (EIAS) de uma IES no interior do Estado de São Paulo; Apresentar os dados das atualizações vacinais realizadas.

Método: Estudo descritivo exploratório com dados extraídos de planilhas Excel, elaboradas pelo Grupo de Imunização do serviço, referentes a análise das carteiras vacinais (CV) e vacinas realizadas nos EIAs (medicina, enfermagem e fonoaudiologia) no período de 2015 a 2024.

Resultados: Anualmente, no início do ano letivo, é realizado o contato com as secretarias de graduação, solicitado a CV dos EIAs e agendado local/data para a realização da atividade. As CVs são avaliadas previamente, para previsão de imunobiológicos e insumos. No período apresentado, foi realizada a avaliação da situação vacinal de 1570 estudantes, 81% dos EIAs no período. Medicina foi o curso com maior adesão a atividade (86%) e fonoaudiologia a menor (57%). 2019 foi o ano com maior adesão à atualização vacinal (90%); os anos de 2021, 2022 e 2023, os que apresentaram menores taxas (70, 71 e 75% respectivamente). O baixo percentual ocorreu devido a suspensão das aulas presenciais durante a pandemia da covid-19. O esquema incompleto da vacina tríplice viral foi encontrado em 27% dos alunos, 14% necessitaram completar esquema da hepatite B. No total foram realizadas 1729 doses de vacinas, sendo 219 hepatite B, 73 dT, 1007 dTpa (incorporada em 2014 para profissionais de saúde), 430 SCR. O exame AntiHbs foi solicitado para todos os alunos para verificar a proteção para o HBV.

Conclusão: As vacinas de varicela, para os que não tiveram a doença na infância, e a meningocócica C, não foram utilizadas neste estudo devido a disponibilidade apenas na rede privada. A atualização vacinal realizada no início do ano letivo, anteriormente ao início das atividades práticas, é uma medida de grande valia para a prevenção de doenças imunopreveníveis. Apesar da alta taxa de alunos que aderiram à atividade, se faz necessário o maior comprometimento dos EIAs.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.103891>

ÁREA: EPIDEMIAS E DOENÇAS EMERGENTES

OR-15 - RELAÇÃO ENTRE DOSES APLICADAS DA VACINA CONTRA VARICELA E CASOS NOTIFICADOS NO ESTADO DO AMAZONAS NOS ANOS DE 2013 A 2022

Matheus Lago Osmani, Sergio Murilo Sousa, Rayner Augusto Libório Santos Monteiro, Brenda Salla Martins, Alexandra Aisha Ribeiro Salla, Igor Castro Tavares

Faculdade Metropolitana de Manaus (FAMETRO), Manaus, SP, Brasil

Introdução: A varicela (catapora) é uma doença altamente infectocontagiosa causada pelo vírus Varicela zoster, manifestando-se geralmente em crianças por lesões cutâneas variadas (máculas, pápulas, vesículas, pústulas e crostas) e prurido. Entretanto, a varicela possui vacina inserida no Programa Nacional de Imunização (PNI) desde 2013 como dose única aos 15 meses pela tetra viral (SCRV), sendo em 2018 atualizada para dose dupla do imunológico no esquema 15 meses (tetra viral ou tríplice + varicela monovalente) e 4 anos de idade (monovalente).

Objetivo: Observar a distribuição de casos notificados de varicela no Amazonas relacionando-os com a quantidade de doses aplicadas da vacina para a doença e evolução dos pacientes no período de 2013 a 2022.

Método: Estudo descritivo e quantitativo a partir da extração de dados secundários do Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN) e do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI) utilizando os especificadores para casos notificados de Varicela, evolução dos pacientes e seu imunobiológico no Amazonas no período de 2013 a 2022.

Resultados: No período de 2013 a 2022, foram notificados um total de 23.335 casos de varicela no Amazonas, sendo os primeiros 5 anos responsáveis por 90,5% (21.136) das notificações e 9,4% (2.199) os anos de 2018 a 2022. Nesse período, houve um total de 38 óbitos pela varicela, tendo a primeira metade responsável por 86,8% (33) e 7,9% (3) óbitos nos últimos 5 anos do período, tendo 2021 e 2022 nenhum registro de óbito. Nesses mesmos 10 anos, foram aplicadas um total de 468.464 doses do imunobiológico contra varicela no Amazonas, sendo os últimos 5 anos responsáveis por 89% (416.978) das doses e 10,9% (51.486) no período de 2013 a 2017.

Conclusão: A varicela tem como característica uma alta infectividade e sua prevenção por meio da vacinação se faz imprescindível. Dentre o período coletado, observou-se um decréscimo substancial de casos notificados a partir de 2018 juntamente com o drástico aumento de doses aplicadas após a inclusão da segunda dose no PNI. Além disso, os óbitos causados pela doença divergiram dessa crescente vacinal, o que corrobora com a eficácia da mesma. Portanto, ressalta-se a importância de um esquema vacinal completo no combate a doenças infectocontagiosas, como a Varicela, para garantir a decrescente de casos notificados e evoluções positivas dos pacientes acometidos.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2024.103892>

ÁREA: ARBOVIROSES

OR-16 - ANÁLISE DOS CASOS DE DENGUE EM GESTANTES OCORRIDOS NA AMAZÔNIA OCIDENTAL NO ANO DE 2023 SEGUNDO VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS E DESFECHOS: UM ESTUDO TRANSVERSAL

Adelson Moreira Neto, Aélia Magalhães Santana, Amilton Santos Nascimento, Dorian Menezes Ribeiro, Emillaine Alves Noronha, Luanna Pilla Pimentel, Luiz Borges Chagas, Luiza Calheiros Menezes, Soraya Amed Martins, Thiago Almeida Matos

Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil

Introdução: O vírus da dengue (DENV1 a 4) é atualmente o arbovírus mais importante que afeta os seres humanos. Sabe-se que a dengue é endêmica em muitas regiões tropicais e